

# O JESUS HISTÓRICO E A REJEIÇÃO EM NAZARÉ

## Ensaio exegético de Lucas 4.1 6-30

Pesquisador: Prof. Dr. Jonas Machado  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo  
Departamento de graduação em Teologia  
Professor doutor em Ciências da Religião  
Eixo temático: Teologia  
Categoria: Mesa redonda

Desde o século XVIII para cá o debate sobre o Jesus Histórico passou por vários momentos. O primeiro momento que se julgava ter chegado perto do Jesus da história em contraste com as versões divinizadas dos evangelistas recebeu um duro golpe quando Schweitzer demonstrou que o Jesus da modernidade era uma invenção liberal – um Jesus feito a imagem dos pesquisadores com pouco ou nada de “científico”.

Este desânimo perdurou por pelo menos meio século liderado por Bultmann, para quem o que importava mesmo era o Cristo da fé como esta no Novo Testamento, pois seria esta proclamação de Jesus por parte da igreja a única fonte disponível para a pesquisa.

Depois do “reavivamento” promovido pelo famoso artigo de Käsemann sobre o “critério da diferença” como método para chegar ao Jesus histórico e seu declínio rápido por não acrescentar muito às conclusões pessimistas de Schweitzer, vem a era pós holocausto.

Neste período depois da segunda guerra e o horror do massacre de judeus por parte do nazismo, foi redescoberto o “Jesus judeu”. Além do calor do pós holocausto, essa vertente da pesquisa sobre o que parece ser óbvio – que Jesus era judeu – tem sido fomentada pelas novas pesquisas. Estas, agora, levam muito mais em conta a diversidade judaica do primeiro século, além de serem enriquecidas pelas fontes não canônicas como os pseudepígrafos e os manuscritos do mar morto.

Não é por acaso que o tema do III Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica da PUC, do qual participamos, tinha como tema “Jesus e as Tradições do Antigo Israel”.

A pesquisa sobre o Jesus da história continua viva, não só porque a figura de Jesus está estreitamente ligada com as origens de nossa cultura ocidental, mas também porque ela tem demonstrado ter uma capacidade renovada de encantar e escandalizar o mundo. E isto independente das interpretações e atualizações que tenha recebido ao longo da história.

Em resumo, é com estas perspectivas que os estudiosos têm se aproximado do Novo Testamento nos últimos anos. De minha parte nessa Jornada Científica ofereço uma abordagem exegética tendo a pesquisa do Jesus histórico em mente, no anseio de somar com meus colegas para uma reflexão relevante, ainda que modesta, sobre o Jesus da história.

Com base no que já apresentamos sobre este texto no III Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica na PUC de São Paulo, sob o título “Jesus – Reformador Marginal: Rastros exegéticos em Lucas 4.14-30”, traçaremos aqui renovadas considerações para esta Jornada Científica.

Os outros dois evangelhos sinóticos apresentam a passagem de Jesus por Nazaré de forma resumida como parte de seu ministério público sem especificar o momento que tal evento se deu (Mt 13.53-58; Mc 6.1-6).

Em Lucas é diferente. O mencionado evento é narrado de modo mais detalhado e apresentado logo no início do ministério público de Jesus, razão porque praticamente todos os comentaristas reconhecem o caráter programático dessa perícopes. Trata-se de um discurso inaugural que influencia toda a narrativa do evangelho lucano, e ganha importância ainda maior considerando que Lucas precisou de dois volumes para contar a “história de Jesus”.

A tradução do texto pode ser como segue:

16 E entrou em Nazaré, onde fora criado, e, conforme seu costume no dia dos sábados entrou na sinagoga e ficou em pé para ler.

17 E foi dado a ele um rolo do profeta Isaías e, tendo desenrolado o livro, achou o lugar onde estava escrito:

**18 O Espírito do Senhor [está] sobre mim porque ele me ungiu para evangelizar pobres, enviou-me para anunciar a cativos libertação, e a cegos recuperação de visão, para enviar quebrados em libertação,**

**19 para anunciar o ano favorável do Senhor.**

20 E tendo fechado o rolo e entregue ao assistente, sentou. E os olhos de todos na sinagoga estavam atentos a ele.

21 Então ele começou a dizer-lhes: Hoje foi cumprida esta Escritura nos vossos ouvidos.

22 E todos testemunhavam a seu favor e estavam admirados com as pala vras da graça que saíam da sua boca mas diziam: não é este filho de José?

23 E disse a eles: certamente direis a mim esta parábola: Oh Médico! Cura a ti mesmo! Tudo o que ouvimos que acontece em Cafarnaum faz também aqui em tua terra de origem.

- 24 Mas ele disse: na verdade vos digo que nenhum profeta é bem-vindo em sua terra de origem,  
25 e lhes digo baseado na verdade: muitas viúvas existiam nos dias de Elias em Israel quando o céu foi fechado por três anos e seis meses a ponto de acontecer uma grande fome sobre toda a terra,  
26 mas Elias não foi enviado para nenhuma dentre eles se não para uma viúva em Sarepta de Sidom.  
27 E muitos leprosos existiam em Israel no [tempo] de Eliseu o profeta e nenhum deles foi purificado senão Naamã o Sírio.  
28 E ficaram todos cheios de furor na sinagoga ouvindo estas coisas  
29 e tendo se levantado expulsaram-no para fora da cidade e o levaram até o cume do monte sobre o qual a cidade deles fora construída a fim de precipitá-lo.  
30 Mas ele, atravessando no meio deles, foi embora.<sup>1</sup>

O tempo e o espaço não permitem uma exegese detalhada, mas apontar alguns rastros exegéticos será suficiente para o propósito em questão. Estas pontuações que ora são apresentadas seguem os diagramas de repetição e progressão do método proposto por Vernon Robbins e seu “Crítico SócioRetórico”. Robbins propõe dar atenção detalhada ao próprio texto de modo a fazê-lo interagir com o mundo de quem o escreveu e com o mundo do leitor atual, onde “mundo do leitor atual” implica em estratégias de abordagem e métodos recentes. Aqui, porém, nos ateremos basicamente aos diagramas referidos.

Antes de entrar no próprio texto, porém, é importante observar que esta narrativa de fracasso em Nazaré está cercada por duas outras narrativas, uma que antecede e outra que sucede, que colocam em destaque o sucesso de Jesus em toda a Galiléia e Cafarnaum. Portanto, a rejeição de Jesus por parte de Nazaré fica em relevo.

Daí naturalmente surgem algumas perguntas como: de que modo esta passagem ajuda a entender porque Lucas apresenta Jesus sendo rejeitado em Nazaré, sua própria terra, logo no início de seu evangelho? Que função tem essa narrativa no programa do evangelho de Lucas e como ele quer que seus leitores considerem Jesus?

Essas questões merecem respostas cuidadosas e amplas, mas aqui é oferecido algum material exegético para um diálogo criativo em torno do tema por posto.

Passamos agora a destacar as repetições e progressões nessa perícopes, somadas a um ou outro aspecto exegético relevante. Os dados

---

<sup>1</sup> Tradução minha a partir de ALAND, Bárbara (et. al. eds.). *NOVUM TESTAMENTUM GRAECE*.

repetitivos e progressivos permitem uma visão do quadro geral do texto que dá base para uma análise posterior dos detalhes textuais. O destaque fica para palavras ou frases repetidas pelo menos três vezes e para a progressão que envolve palavras e frases relacionadas ou mesmo nomes, pronomes e conjunções, ou ainda formas semânticas ou sintáticas repetidas.

Levando tudo isso em conta, podemos montar um diagrama como segue:

16	Nazaré	Sinagoga				
17			rolo rolo	profeta Isaías		
18					me me me	evangelizar pregar enviar
19						pregar
20		Sinagoga	rolo			
21			Escritura			
23	Cafarnaum tua cidade de origem			(médico)		
24	tua cidade de origem			profeta		
25				Elias		
26	Sarepta			Elias		
27				Eliseu o profeta		
28		Sinagoga				
29	cidade cidade					

Um termo importante por repetição no texto é “prof eta” e correlatos. Jesus não só lê o livro que é especificado como sendo do “profeta” Isaías, e menciona Elias e Eliseu por nome, o que evoca a idéia de profeta, além de nomear este último especificamente como tal, mas sua máxima no versículo 24 é “*nenhum **profeta** é bem-vindo em seu lugar de origem*”. Logo, a significação disto é de primeira grandeza no contexto, pois Jesus é apresentado como profeta – mas um profeta rejeitado pelo seu próprio povo, sua própria **cidade** de origem, outra repetição notável no texto. A rejeição de profetas pelo seu próprio povo é algo que, na verdade,

não é estranho nas tradições de Israel, mas aqui é notório o destaque para a cidade onde Jesus fora criado.

Não nos esqueçamos da ênfase em **rolo-Escritura** que tem relações com os quatro verbos no infinitivo (**evangelizar. pregar. enviar. pregar**) e com o pronome oblíquo tríplice (**me. me. me**) que indica quem realiza as ações dos referidos verbos. A leitura do texto profético, não declarada mas pressuposta, é curiosa, pois indica um arranjo de dois textos, que são Isaías 61.1-2 (com omissão da frase “curar os contritos de coração”) e Isaías 58.6. Trata-se de uma justaposição de textos pela técnica literária conhecida como *gezerá shevá* que associa trechos da Escritura a partir da ligação de palavras, neste caso, a palavra **libertação**, embora o texto não esteja exatamente de acordo nem com a Septuaginta nem com a Bíblia Hebraica. A ênfase na seqüência cai no cumprimento atual do texto ao estilo *Pesher*, uma prática de interpretação judaica que faz aplicação direta do texto para o momento atual com frouxas relações com o contexto original. Este cumprimento inclui anúncio (evangelizar, pregar, pregar) e ação (enviar quebrados em libertação).

Por três vezes o texto declara que o ambiente é o da **sinagoga**. A rejeição se dá por parte de judeus. É possível traçar aqui alguma relação com as citações do milagre relativo à viúva de Sarepta da Sidônia e à cura de Naamã, o Sírio, ambas referências não judaicas e únicas, em contraste com a falta de milagres realizados entre os israelitas do período. A tradicional ênfase gentílica de Lucas está aqui caracterizada. À semelhança de Paulo em Romanos 9-11 e João 1.11-12, a ênfase gentílica tem ligações com a rejeição do evangelho por parte de judeus.

Para falar de progressão, não é difícil perceber a estrutura do texto:

- A chegada de Jesus em Nazaré e na Sinagoga (16)
- A Leitura do Texto Profético e sua interpretação por Jesus (17-21)
- As reações dos nazarenos e a resposta de Jesus (22-29)
- A saída de Jesus da cidade de Nazaré (30)

Inicialmente, o texto coloca Jesus num ambiente familiar, fazendo algo que era seu costume, e, então, passa para uma aprovação com uma restrição. A geração/gênero – *filho de José* – é apresentada como uma restrição, apesar da aprovação inicial. Isto progride para uma reação de fúria e tentativa de execução sumária por precipitação, cuja razão, à primeira vista, não fica explicitamente declarada no texto, a não ser a expressão “*ouvindo estas coisas*”.

É interessante notar que a reação violenta não surge imediatamente após a declaração de cumprimento do texto lido, mas é a restrição apresentada em termos de “geração” e a reação de Jesus quanto a esta restrição que progride para a fúria e tentativa de matá-lo. O grande problema não é a afirmação do cumprimento do texto profético, mas sim de

quem vem tal afirmação, e quem se coloca como sujeito deste cumprimento. Se havia o aspecto negativo da “geografia” – *Nazaré* – como restrição mais ampla, havia também o aspecto “gênero” – *filho de José* – como restrição sobreposta. Poderíamos pensar aqui numa multidão que acha um absurdo que alguém como Jesus – um sem nome, filho de um José desconhecido – pudesse apresentar algum tipo de reivindicação e contestação.

Neste caso, a estrutura sequencial acima poderia ser colocada agora mostrando onde está seu clímax:

- 1) A chegada de Jesus em Nazaré e na Sinagoga
- 2) A leitura do texto profético e sua interpretação por Jesus
- 3) As reações dos nazarenos e a resposta de Jesus
- 4) A saída de Jesus na cidade de Nazaré

Uma outra progressão importante no texto é que o cumprimento anunciado da leitura feita é entendido em termos de milagres realizados em Cafarnaum e milagres não realizados em Nazaré. É de se presumir que o propósito da unção no texto profético lido tem relação íntima com os milagres de Jesus, o qual, em suas próprias palavras, refere-se a si mesmo indiretamente na parábola como “*médico*”, ou seja, alguém que cura, no caso de Jesus, milagrosamente.

Jesus é, então, o profeta que prega, enquanto também realiza, a libertação e cura como cumprimento do Jubileu, o *ano favorável do Senhor*. Como profeta é um “Reformador” à moda do Jubileu, ao mesmo tempo autenticado por milagres ao estilo de Elias e Eliseu, mas é também “Marginal”, ou um judeu marginal, quanto à sua origem.

Possivelmente uma das grandes conquistas das pesquisas do Jesus histórico seja a conclusão de que não é possível fazer uma reconstrução histórica de Jesus que não tenha seu caráter hermenêutico. A interpretação sempre estará envolvida. Um ponto comum entre os exegetas é que tal interpretação já havia começado nos evangelhos, que não são relatos “históricos puros” – algo, na verdade impossível – mas relatos interpretativos.

Lucas 4 apresenta Jesus como um reformador marginal, rejeitado pelos de sua própria cidade, que cabia na diversidade judaica de seu tempo.

A estranheza do relato que coloca o Cristo como alguém que foi rejeitado justamente na sua cidade sem lá ter feito seus milagres não precisa ser argumento contra a historicidade. Tal julgamento geralmente está mais relacionado aos pressupostos assumidos pelo intérprete.

Por outro lado, temos um arranjo literário lucano que apresenta Jesus como um profeta rejeitado pelos judeus de sua cidade, mas que era o

ungido de Deus. O leitor fica convidado pelo autor do evangelho a ver mais detalhes de como isso seria levado a efeito lendo o resto da obra lucana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAND, Bárbara (et. al. eds.). *NOVUM TESTAMENTUM GRAECE*. 27<sup>a</sup> ed. revista. Post Eberhard and Erwin Nestle. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.
- BRATCHER, R. *A Translator's Guide to The Gospel of Luke*. London: UBS, 1982.
- FITZMYER, J. *The Gospel According to Luke I-IX*. New York: Doubleday, 1981.
- GODET, F. *A Commentary on the Gospel of St. Luke*. Edinburgh: T. & T. Clark, s.d.
- MORRIS, Leon. *Lucas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- PLUMMER, A. *The Gospel According to St. Luke*. ICC. New York: Charles Scribner's Sons, s.d.
- ROBBINS, Vernon K. *The Tapestry of Early Christian Discourse: Rhetoric, society and ideology*. London/New York: Routledge, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Exploring the Texture of Texts: A guide to socio-rhetorical interpretation*. Harrisburg: Trinity Press International, 1996.
- WINTHERINGTON III, Ben. *The Christology of Jesus*. Minneapolis: Fortress, 1990.